

## ARTIGOS

## E A SUA PARTE?

Nos últimos anos, temos avançado na agenda de transformar o Brasil em um ambiente de negócios melhor e, com isso, acelerar o crescimento. A reforma trabalhista de 2017, ao permitir o trabalho intermitente e em tempo parcial, criou a possibilidade da formalização de mais pessoas, e os dados sugerem que isso vem ocorrendo sem substituição dos trabalhadores de tempo integral. A reforma da Previdência evitou uma trajetória explosiva da dívida pública, sinalizando nosso compromisso com o longo prazo. Na agenda de 2020 do Congresso, estão as reformas administrativa e tributária, ambas necessárias e urgentes.

O crescimento baixo cobra um preço alto de toda a sociedade, mas especialmente dos mais pobres. Mas os resultados das mudanças já começam

a aparecer. Ainda que a taxa de desocupação tenha caído ao longo de 2019 motivada pela expansão, em especial, dos trabalhadores por conta própria, o Caged de novembro para o Brasil registrou a maior criação de empregos formais para o mês desde 2010. No RS, foi o melhor novembro desde 2012.

*A expansão da economia sempre é mais favorável para aqueles que estão preparados*

A retomada do mercado de trabalho não é apenas uma notícia boa para os 11,4 milhões de brasileiros que esperam uma oportunidade, mas também para a economia como um todo. Com o trabalho formal, vem o

aumento dos salários médios, a maior capacidade de assimilar crédito, o aumento da confiança, e disso o estímulo ao consumo e ao investimento, e assim uma espiral de crescimento econômico sustentável começa a se formar. Para ajudar, a inflação, ainda que sofrendo alguns choques, está sob controle e nunca tivemos taxas de juros tão baixas.

Os indicadores mostram que o Brasil tem condições de crescer mais em 2020. Mas a expansão da economia sempre é mais favorável para aqueles que estão preparados. O que cada um fez para ser melhor durante a crise certamente vai se refletir positivamente no momento da expansão da atividade econômica. Fazer a sua parte sempre será condição fundamental e insubstituível para o sucesso, independentemente do cenário.

**LUIZ CARLOS BOHN**  
Presidente da Fecomércio-RS  
presidencia@fecomerco-rs.org.br



## EM DIA

## IGUALDADE FORÇADA

**PEDRO DUTRA FONSECA**  
Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS  
pedro.fonseca@ufrgs.br



As consequências do que ocorre em Davos não são imediatas e avaliações precipitadas devem ser evitadas. Nem sempre o de maior repercussão é o que mais impactará futuramente. Paulo Guedes, ao atribuir a devastação do ambiente à fome, não colaborou para atenuar o desgaste do país na área. O ministro estava em Davos, mas com a cabeça no Brasil. Seu equívoco foi recorrer a uma fala que cai bem entre os apoiadores do governo aqui, mas em conferência cujo tema era a sustentabilidade foi no mínimo uma gafe: até os igarapés sabem que quem devasta a floresta não são os famintos. Felizmente, a ministra da Agricultura foi mais economista do que o da Economia, e corrigiu explicando que o combate à fome se faz com aumento da produtividade e não com queimadas. Pragmático, o agronegócio preferiu exibir seus dados robustos à mera ideologia.

Já com menor repercussão foi a promessa do ministro de aderir ao GPA, acordo internacional que dá igual tratamento, nas compras do governo, às empresas de fora com as daqui. Seu argumento é de que evitará a corrupção, estimulará a concorrência e diminuirá preços. Estes últimos fazem sentido, pois aumenta o número de fornecedores. A dúvida é qual base empírica sustenta que empresas de fora sejam mais honestas do que as nacionais ou estrangeiras aqui localizadas, pois há denúncias de corrupção empresarial mesmo em países como EUA, Alemanha e Japão. E os órgãos de controle – como TCU, CGU e MP – são inoperantes no exercício da função de fiscalizar os gastos públicos?

Até mesmo o estímulo à concorrência deve ser visto com reservas, pois haverá consequências para o país ao tratar igualmente desiguais. Com elevada carga tributária, produtividade estagnada e infraestrutura deficiente, como querer que as empresas locais concorram de igual para igual com as estrangeiras? O problema do liberalismo teórico é se apegar demais no livro-texto e esquecer que há distância entre os modelos e a realidade. Alguém em sã consciência pensa que o governo americano dá tratamento isonômico em suas compras à Airbus em detrimento da Boeing? É só observar as restrições impostas pelos países da União Europeia no acordo com o Mercosul para ver como as coisas funcionam. E isso que iguarias e vinhos franceses e ibéricos, graças à qualidade, nem precisariam de salvaguardas.

*Até mesmo o estímulo à concorrência deve ser visto com reservas*

## DEZ TENDÊNCIAS PARA A MEDICINA EM 2020

**PEDRO SCHESTATSKY**  
Neurologista, professor da Faculdade de Medicina da UFRGS, pós-doutorado em Harvard  
pedroschestatsky@gmail.com



Todo ano, a Sociedade Internacional de Pesquisas e Resultados em Farmacoeconomia (Ispor) publica uma lista de prioridades em saúde. Gostaria de comentar brevemente cada um dos itens:

- 1) Medicina baseada em dados do mundo real. Utilizaremos mais dados oriundos de prontuários e celulares do que de estudos científicos;
- 2) Preço dos medicamentos. Infelizmente, não houve muito progresso nesse sentido, uma vez que a questão dos preços depara com os temores de prejudicar a inovação no setor;
- 3) Novas terapias curativas. Apesar do lançamento de novos medicamentos para tratar condições raras, como atrofia muscular espinhal, fibrose cística e beta-talassemia, o alcance ainda esbarra nos custos;
- 4) Gastos totais com cuidados médicos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que

os gastos com saúde alcancem US\$ 7,5 trilhões ao ano, o equivalente a 10% do PIB mundial. Para redução de gastos, surge a alternativa do “custo por unidade de efeito” ou na “precificação baseada em valor”;

- 5) Cobertura universal de saúde – Acesso e equidade. Segundo a OMS, pelo menos metade da população mundial não tem cuidados básicos de saúde garantidos, por isso, esse assunto permanece em evidência na lista;
- 6) Modelos alternativos de pagamento baseados em valor. Nesse contexto, buscam-se novas maneiras de remunerar os profissionais e de pagar por tratamentos, a partir da melhora do paciente (pagamento por performance, não somente por quantidade de serviço);
- 7) Transparência nos preços. A falta de clareza em relação aos preços de serviços e produtos de saúde atrapalha possibilidades

de negociação;

8) Tecnologias digitais. A tecnologia avança de maneira exponencial na área médica e tem o potencial para transformar radicalmente a saúde – e por essa razão o tópico estreou na lista de 2020;

9) Envelhecimento populacional. Essa tendência vai impactar todo o sistema de saúde mundial em um futuro próximo. O Japão, país em que 28% da população já tem acima de 60 anos, é um exemplo a ser seguido no que diz respeito a novas abordagens no atendimento a pacientes da terceira idade;

10) Medicina de precisão. Ou personalizada, tanto faz, já que ambos os termos se referem ao mesmo princípio. O fato é que esse tipo de medicina é um campo em expansão e que, obviamente, se cruza com o Big Data.

Enfim, teremos um ano promissor na saúde. Que venha 2021!

## Opinião online



• **Jorge Barcellos**, doutor em Educação: “Contratualização é um nome bonito para terceirização, inaceitável do ponto de vista da responsabilidade do município com seu patrimônio cultural”.

## GAUCHAZH

Leia o artigo em  
[gzh.rs/JBarcellos](http://gzh.rs/JBarcellos)

Artigos devem ter até 2.000 caracteres. Os textos assinados não representam a opinião do Grupo RBS.  
[bit.ly/opiniaogauchazh](http://bit.ly/opiniaogauchazh) [artigozh@zerohora.com.br](mailto:artigozh@zerohora.com.br) [@opiniaozh](https://www.facebook.com/opiniaozh)

**Pedro Dutra** Fonseca escreve às quintas-feiras, a cada 15 dias.  
Amanhã: **Igor Oliveira**, consultor empresarial.